



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ - UNIFAP
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

LEALDO QUARESMA ANIKÁ

**INFLUÊNCIAS DA INTERNET NO MODO DE VIDA DOS KARIPUNA DA ALDEIA
MANGA – OIAPOQUE/AP**

**OIAPOQUE/AP
2019**

LEALDO QUARESMA ANIKÁ

**INFLUÊNCIAS DA INTERNET NO MODO DE VIDA DOS KARIPUNA DA ALDEIA
MANGA – OIAPOQUE/AP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito total para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Geografia, pela Universidade Federal do Amapá.

Orientador: Professor Dr. Adriano Michel Helfenstein.

**OIAPOQUE/AP
2019**

LEALDO QUARESMA ANIKÁ

**INFLUÊNCIAS DA INTERNET NO MODO DE VIDA DOS KARIPUNA DA ALDEIA
MANGA – OIAPOQUE/AP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito total para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Geografia, pela Universidade Federal do Amapá.

Data de aprovação: ___/___/___

Banca Examinadora

Orientador

Prof. Dr. Adriano Michel Helfenstein

Colegiado de Licenciatura em Geografia - UNIFAP

Avaliador

Colegiado de Licenciatura em Geografia - UNIFAP

Avaliador

Colegiado de Licenciatura em Geografia - UNIFAP

**OIAPOQUE - AP
2019**

Dedico esta pesquisa ao meu pai Fernando Aniká e minha mãe Maria Domingas Dos Santos Quaresma. Dedico também ao meu filho de criação Jadrison Dos Santos Quaresma. Aos meus irmãos Kléber Quaresma Aniká, Edson Quaresma Aniká, Jonielson Quaresma Aniká, Rosicleide Quaresma Aniká, Mariza Quaresma Aniká, Gesilda Quaresma Aniká, Keyla Quaresma Aniká e Kédima Quaresma Aniká foram minhas fontes de inspiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao Senhor Deus, pelo privilégio de crer em sua existência, pois sem ele nada seríamos.

Sou grato também ao meu orientador, o professor Dr. Adriano Michel Helfenstein por ter aceitado orientar-me nesta pesquisa que foi de suma importância para a minha conclusão de curso, porque através de suas orientações cheguei ao meu objetivo. Agradeço também ao meu colega de trabalho, o pedagogo Maxwara dos Santos Cardoso que sempre tirou minhas dúvidas e também me orientou, sendo uma pessoa que colaborou bastante nesta pesquisa.

Agradeço a dedicação a todos os professores do curso de Geografia da Universidade Federal do Amapá - Campus Binacional, que contribuíram com as diversas teorias durante as aulas.

Aos meus amigos e colegas de graduação Luana Braga, Elieuda Silva, Geraldo Campos e Valeria Maciel, pessoas maravilhosas e companheiras durante todo período do curso.

Ao meu sobrinho e amigo, Márcio Batista Aniká, que sempre esteve ao meu lado no momento das nossas viagens para ir estudar em Oiapoque e voltar toda noite para nossas casas, isso também foi uma fonte de incentivo e inspiração para terminarmos nossos estudos.

RESUMO

Este trabalho traz como título de pesquisa a questão das Influências da Internet no modo de vida dos Karipuna da Aldeia Manga, nesse sentido, primeiro é desenvolvido uma revisão bibliográfica com relação ao histórico de contato do povo indígena Karipuna com os não indígenas, que vem acontecendo há vários séculos. Tendo por base diversos autores, a história deste povo é contada de duas formas, na qual a primeira alega que os Karipuna sempre viveram na área do município de Oiapoque, enquanto a outra enfatiza que esse povo migrou dos estados do Pará e Amazonas. Atualmente é considerado um povo heterogêneo. A Aldeia Manga, campo desta pesquisa, foi fundada em 1973 e acabou se tornando a maior aldeia do referido povo, devido a sua localização e aos avanços tecnológicos que chegaram na comunidade, como a energia 24 horas, que possibilitou a chegada da primeira rede de internet na aldeia, porém, esta ficou restrita aos funcionários da Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá. Em 2015, foi instalada a segunda rede, desta vez disponível a toda a população, o que entendemos justificar uma análise acerca dos impactos negativos e positivos desse uso, objetivo a que nos propomos nesta pesquisa.

Palavras chave: Povo Indígena Karipuna; Aldeia Manga; Rede de Internet; Cultura indígena.

LISTA DE SIGLAS

GESAC	Governo Eletrônico-Serviço de Proteção ao Cidadão
SEED – AP	Secretaria de Educação do Estado do Amapá
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
CIMI	Centro Indigenista Missionário
AIS	Agente Indígena de Saúde
AISAN	Agente Indígena de Saneamento
PPP	Projeto Político Pedagógico
APIO	Associação dos Povos Indígenas de Oiapoque

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de Localização da Aldeia Manga-Oiapoque-AP.....	24
Figura 2: Croqui da Organização da Aldeia Manga.....	26
Figura 3: Fotografia Rede de Internet do Programa (GESAC).....	30
Figura 4: Fotografia Rede de Internet Fibra Ótica da OI.....	31
Figura 5 e 6: Fotografia Jovens acessando internet.....	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPITULO 1 – QUEM SOMOS NÓS OS KARIPUNA.....	13
CAPITULO 2 – O ACESSO A REDE DE INTERNET PELO POVO INDÍGENA ALDEIA MANGA.....	21
2.1 ORGANIZAÇÃO SOCIOESPACIAL DA ALDEIA MANGA.....	21
2.2 OS DESAFIOS E POSSIBILIDADE DO USO DA INTERNET PELOS KARIPUNA DA ALDEIA MANGA.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERENCIAS.....	36

INTRODUÇÃO

Este estudo foi desenvolvido na Aldeia Manga, da etnia Karipuna, que fica localizada na Terra Indígena Uaçá, no município de Oiapoque – AP. A referida aldeia fica a uma distância de 24 km da cidade de Oiapoque. Os Karipuna costumam frequentar cotidianamente a cidade, para trabalhar, estudar, vender produtos agrícolas e fazer compras de produtos industrializados, entre outras atividades.

Historicamente o povo Karipuna é retratado de diversas formas, no qual, alguns estudiosos alegam que os Karipuna sempre viveram na área do município de Oiapoque, enquanto outros estudos informam que os Karipuna migraram de outros lugares, onde se destaca o estado do Pará e Amazonas, refugiados da guerra da cabanagem. Ao chegarem se instalaram primeiramente no baixo Oiapoque e depois se transferiram para o Rio Curipi. (TASSINARI, 2003)

Atualmente o Karipuna é considerado um povo heterogêneo que foi formado a partir da mistura de diversas nações, entre indígenas de várias etnias, não indígenas brasileiros de vários estados do Brasil, bem como, por vários estrangeiros de diversos países, que desde sempre frequentavam as terras de Oiapoque, que na década de 1900 não era propriamente Brasil e muitos menos Amapá.

O interesse pelo respectivo tema de estudo surgiu a partir do momento da instalação da primeira rede de internet na Aldeia Manga, a qual primeiramente ficou restrita ao uso dos professores por ser uma internet do GESAC, instalada para uso da própria escola. A partir da instalação da segunda rede de internet, disponível a todos os moradores da aldeia Manga, advinda do projeto de compensação pela passagem da fibra ótica por dentro da Reserva Indígena Uaçá, algumas preocupações quanto ao uso da internet pela população passaram a ser debatidas nas reuniões e assembleias realizadas em nossa comunidade.

A partir do meu acesso ao ensino superior através do curso de Licenciatura em Geografia ofertado pela Universidade Federal do Amapá, em especial no tocante aos debates realizados nas diversas disciplinas estudadas, percebi o quanto o uso da internet em contexto indígena pode se tornar um tema de suma importância a ser estudado, seja do ponto de vista das preocupações, quanto as influencias negativas, como das possibilidades de ressignificação dessa ferramenta pelas comunidades indígenas, como é o caso da aldeia Manga.

É importante deixar bem claro que a comunidade da aldeia Manga, passou a ter acesso à energia 24 horas no ano de 2003, esses avanço tecnológico já começou mudar bastante a rotina de vida da população, se antes essa comunidade só tinha contato com a energia em torno de 4 horas a 6 horas de tempo por dia, com a energia 24 horas as transformações na vida das pessoas, passaram a ser mais perceptíveis, a exemplo do acesso a TV a cabo e a rede de internet disponível para toda comunidade.

A estrutura da aldeia Manga é composta por uma escola grande, posto de saúde, comércios, energia 24 horas, sistema de abastecimento de água, sua localização em terra firme, e a proximidade com a cidade de Oiapoque, tem atraído bastante pessoas para morarem na referida aldeia. Muitas famílias que moram em pequenas aldeias nas adjacências do Manga, quando seus filhos passam para estudar do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, geralmente são matriculados na Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá na Aldeia Manga. Dessa forma as famílias se sentem pressionados a migrarem para morar na referida aldeia, tendo em vista que nas menores aldeias a escola funciona até o 5º ano do Ensino Fundamental.

De maneira geral na presente análise constatamos que o acesso à internet tem mudado repentinamente a rotina de vida de vários indígenas, o que se torna preocupante, a exemplo da utilização da rede social que pode ser uma ferramenta prejudicial, no qual, principalmente os adolescentes podem estabelecer amizade com pessoas desconhecidas e que pode influenciar de forma negativa na cultura indígena e inclusive prejudicar a pessoa de forma individual ou até coletiva.

Porém identificamos também, aspectos positivos na utilização da internet dentre os quais a facilidade de contato com pessoas que vivem principalmente nas cidades, já que a maioria das famílias que vivem na aldeia Manga e tem famílias morando nas cidades, tanto do Brasil, quanto da Guiana francesa.

Para realizar estas reflexões estruturamos o trabalho em dois capítulos.

No **primeiro capítulo**, intitulado “**quem somos nós os karipuna**”, desenvolve-se uma abordagem histórica da trajetória de contato ou formação do povo indígena Karipuna, explicitando a origem da etnia, língua falada, local de moradia, fazendo uma contextualização, acerca da atual situação pela qual se encontra a referida etnia.

Já o **segundo capítulo** aborda a questão do “**acesso a rede de internet pelo povo Karipuna da Aldeia Manga**”, em que realizamos algumas reflexões sobre a

“organização socioespacial da aldeia Manga”, e os desafios e possibilidades do uso da internet pelos moradores desta comunidade indígena.

CAPÍTULO I
QUEM SOMOS NÓS OS
KARIPUNA

A atual população Karipuna do rio Curipi resulta de alianças e fusões de diversas etnias. Tassinari (2003) destaca que em seus escritos Coudreau (1893) e Arnaud (1989) apresentam uma versão em que a população do rio Curipi formou-se a partir de refugiados da cabanagem, o que desloca a história desse grupo da região do rio Oiapoque para a Costa Paraense. No entanto esta autora, ao analisar dados do século XIX e XX, bem como subsidiada por estudos genealógicos obtidos pela história oral, assume a hipótese de uma origem heterogênea das atuais famílias Karipuna, com alguns dos antepassados autóctones. Entende que,

[...] para melhor compreender a história vivenciada por esta população, é preciso fazer uma distinção entre a trajetória de seu etnônimo, e as diversas trajetórias de vida dos atuais Karipuna e de seus antepassados. Isso porque o termo nem sempre esteve associado à população do Curipi (às famílias que ali habitam e seus antepassados, ou a outras famílias ali residentes em momentos diversos) e fazer esta separação será útil para entender o próprio significado que hoje tem o nome Karipuna, referindo-se à identidade étnica atualmente compartilhada pela população do Rio Curipi.

Ao analisarmos as reflexões da autora anteriormente citada, constatamos que apesar do povo Karipuna ser formado por migrantes de outros lugares do Brasil para a região de Oiapoque, existem registros de que este povo já habitava a região de Oiapoque desde o início do ano de 1600.

Autores como Nimuendaju (1926), Ricardo (1983), Vidal (2007) e Tassinari (2003), que escreveram sobre os Karipuna pertencentes ao município de Oiapoque, Estado do Amapá, relatam que por terem sido descobertos nas margens do Rio Curipi, estes ficaram conhecidos como “brasileiros do Curipi”. Naquela época, eram chamados de brasileiros, porque não eram reconhecidos enquanto indígenas. Porém concordamos com ideia de um autor desconhecido, no qual enfatiza que a nossa origem remota de nosso povo, pois somos constituídos principalmente de indígenas brasileiros e não de brasileiros indígenas, sem contar com outras contribuições étnicas que recebemos.

De acordo com Tassinari (2003), é importante esclarecer que a atual população Karipuna, habita há bastante tempo, a área do Rio Curipi, localizada na Terra Indígena Uaçá, homologada pelo Decreto 298, de 29 de outubro de 1991, tem 470.164 hectares. Essa foi a primeira área habitada por este povo, que mais tarde foi se dispersando, sendo que algumas famílias foram habitar as margens do Rio Oiapoque, por volta do ano de 1940, se instalando na aldeia que ficou conhecida como Ariramba e na década de 1950, se instalaram no igarapé Juminã, também localizado na margem

do Rio Oiapoque, pois, segundo Ricardo (1983, p.84) “[...] a transferência de ponta dos índios para o Juminá foi feita sob pressão de representantes do governo, no tempo de Magalhães Barata (entre 1943 e 45) quando ‘precisaram do lugar’ para estabelecer um posto de fiscalização”.

Outras famílias Karipuna, foram habitar as margens da BR 156, por volta da década de 1970, também com o propósito de fiscalizar a reserva indígena, pois neste contexto, foi instalado um posto de fiscalização no km 70, que ficou conhecida como Aldeia Estrela. Então essas são as áreas habitadas pela atual população indígena Karipuna na área do Município de Oiapoque.

Dessa forma, as famílias pertencentes à etnia Karipuna fixadas nas áreas acima citadas, foram vivendo. Nesse histórico de habitação, o Rio Curipi, sempre foi o lugar de referência de habitação deste povo. A partir de conversas informais com alguns Karipunas antigos¹, em especial constatou-se que no passado foram formadas varias aldeias na margem do Rio Curipi e com o passar dos anos foram sendo desabitadas, sendo que outras eram fundadas, entre as maiores aldeias que foram formadas, se destacam os locais chamados de “Caripurá”, “Benuá” e “Cemitério”, segundo os antigos, essas, eram grandes aldeias, assim como, existiram outras que não foram lembradas. No caso desta última, com base no depoimento da liderança da década de 1940, seu Manoel Primo dos Santos conhecido como “Coco”, afirma que “Os Karipuna [...]. Vieram explorar o rio Curipi acima e ficaram lá no lugar chamado cemitério, chamado assim porque morreram muitos índios Karipuna”. (RICARDO, 1983, p.69).

Ainda para melhor compreensão sobre a atual população Karipuna, Tassinari (2003, p.153-154), alega que,

Nas genealogias das atuais famílias do Curipi, encontra-se um núcleo comum de antepassados provenientes de dois grupos migrantes, com sobrenomes Fortes e Santos. Esses antepassados, unidos por alianças, passaram a formar um conjunto comum, ao qual se uniram varias outras famílias de procedências distintas, com sobrenomes Aniká, Pijame, Felício, Jojô. No caso dos Santos, a ocupação do Curipi começa com a chegada dos irmãos Firmino e Cassiano, provenientes da região de Vigia, mais precisamente de São Caetano de Odivelas e do Mujuim [...]. Chegando no rio Ouanari, Firmino conheceu o grupo familiar de Teodoro Fortes e, juntos, dirigiram-se para o rio Curipi [...]. O grupo se instalou junto a montanha Sohda, no médio Curipi, em frente da atual vila do Espirito Santo.

¹ Dona Constância Monteiro, seu Abel dos Santos e seu Antônio dos Santos.

O exposto acima vem evidenciar a descendência das famílias, que atualmente pertencem à etnia Karipuna, ou melhor, foram povos de outras nações, tanto brasileiras quanto estrangeiras, que naquele contexto se misturaram junto aos Karipuna, que já existiam há séculos habitando o Município de Oiapoque, especificamente na área do Rio Curipi. Tanto é que, Tassinari (2003, p.154), afirma que, “Ao falar sobre esses antepassados, os informantes os chamaram de ‘brasileiros’, afirmando, em contrapartida, que os ‘índios Karipuna’ sempre estiveram no Curipi”. Nesse sentido, evidencia-se que a “Etnia Karipuna” sempre existiu na área do Município de Oiapoque o que cabe, reforçar é que outras nações se misturaram aos indígenas Karipuna. A partir dessa fusão entre vários povos, cada um contribuindo com seus costumes, foi se formando um só povo, ou melhor, a partir do contato de convivência foi se formando e consolidando um povo, com uma língua e cultura própria.

Então, definitivamente, fixos nas margens do Rio Curipi, os Karipuna foram formando famílias, enquanto que outras aldeias, foram, aos poucos sendo formadas. Tassinari (2003) esclarece, que além dos brasileiros, outras nações colaboraram para a formação da atual etnia, dentre eles, se destacam: indígenas de vários povos; não índios, principalmente do Estado do Pará e estrangeiros como: portugueses, franceses, holandeses, bolivianos, colombianos, árabes, guianenses entre outros.

Essa mistura entre diversos povos no passado, acabou gerando uma nova identidade ao povo Karipuna. Desta forma, este povo atualmente é considerado um povo misturado, como se percebe na descrição da Apio (2009, p.11), “Os Karipuna são uma população heterogênea do ponto de vista étnico, prevalecendo famílias de origem brasileira [...], que se misturaram a uma população local predominantemente indígena”. Sem dúvida que cada povo que se misturou aos Karipuna, tem deixado um legado cultural, e que hoje faz parte da tradição deste povo, como a exemplo das festas de santo comemoradas em praticamente todas as aldeias pertencentes a referida etnia.

Com relação à verdadeira origem do nome ‘Karipuna’, não convém no momento entrar no mérito, se foi formado por várias nações, a partir do contato, ou, se já existia uma etnia com esse nome há séculos. É importante deixar bem claro, que em hipótese alguma o atual povo Karipuna negou a sua verdadeira identidade, apesar da mestiçagem, o que vale, é que esta etnia é reconhecida enquanto povo indígena, com sua cultura própria, no modo de ser e viver, de fazer festa, de trabalhar, na

alimentação, entre outros. É um povo que sempre lutou para que seus direitos sejam garantidos e respeitados.

Os Karipuna falam a Língua Indígena “Kheuol”, não existem informações exatas a respeito da origem da referida língua, porém, Gallois; Grupioni (2003), afirmam que essa língua foi adotada pelo povo Karipuna e inclusive é falada em toda a bacia do Rio Oiapoque, mas tem algumas variações, tendo em vista que outros povos também são falantes.

Como já citado, não existem evidências afirmando a procedência da Língua Kheuol, porém, a hipótese mais provável é que a essa língua, seja uma variante da Língua Crioula, falada pelos Crioulos da Guiana francesa. Tanto é que os próprios indígenas Karipuna antigos, afirmam essa hipótese, os mesmos alegam que muitos guianenses viviam no meio deles antigamente. Inclusive a “Língua Kheuol”, tem muita semelhança com a “Língua Crioula”.

Ainda colaborando com a tal hipótese, se faz necessário enfatizar que no século XIX, a região de Oiapoque ainda não era definitivamente território brasileiro. Dessa forma, Andrade (1988, p. 32), afirma que, “não crioulos que moram no Oiapoque falam relativamente bem a lanc-patuá” [...]. É necessário esclarecer que a Lanc- Patuá é mesma Língua Kheuol, antigamente era o termo mais usado e com o passar dos anos os Karipuna começaram a chamar de “Lang Kheuol”, porém é a mesma língua. No caso, subentende-se que o termo “não crioulo”, utilizado pela autora, se refere aos brasileiros, que naquele contexto moravam no município de Oiapoque. Dentre esses “não crioulos”, estão também os indígenas Karipuna.

Tendo por base o exposto, tudo indica que essa adoção deve ter ocorrido a partir do contato entre os indígenas e crioulos na época em que os crioulos transitavam pelo território de Oiapoque, especificamente pela área do Rio Curipi, pois, antigamente, os crioulos foram os maiores exploradores de ouro na Reserva Indígena Uaçá. Logo, a partir do intenso contato, os Karipuna foram aprendendo a falar a Língua Kheuol.

De acordo com Santos; Santos (2018) é importante esclarecer que antigamente os Karipuna falavam somente a Língua Kheuol, com o passar dos anos, a partir da década de 1934, com a implantação da escola entre os Karipuna, a Língua Portuguesa começou a ser falada entre esse povo, através da imposição das professoras da época, ou melhor, imposição da própria escola, tendo por base a política de integração do indígena à sociedade nacional.

Atualmente, em consequência da mudança da política brasileira de amparo aos direitos dos povos indígenas, que ocorreu a partir da Constituição Federal de 1988, na qual, garante que seja utilizada a língua materna e os processos próprios de aprendizagem na educação escolar, a própria escola está encarregada de desenvolver estratégia de trabalho, no sentido de revitalizar a Língua Kheul. Apesar de algumas aldeias não terem o hábito de falar no dia a dia, a língua não caiu em esquecimento, ou seja, em qualquer aldeia Karipuna que seja, existem falantes da Língua Kheul. (SANTOS; SANTOS, 2018).

Portanto, do ponto de vista cultural, a mestiçagem do povo Karipuna, faz com que seja entendida alguma das manifestações culturais desenvolvidas por esta etnia. São manifestações culturais, tais como: As festas de Santos, comemoradas na maioria das aldeias Karipuna; O jogo de futebol; O uso da espingarda na prática da caçada, entre outros, sendo que estes foram costumes adquiridos da sociedade “não indígena”. Falando especificamente de costumes originários, se destacam: A dança do Turé, que é a dança tradicional; a prática do uso de arco e flecha para captura do alimento, na culinária, o moqueado de peixe com pimenta e farinha de mandioca, a prática da agricultura, entre outros.

Falando especificamente da prática da caça, essa prática é ainda muito comum entre a população Karipuna, porém, devido ao crescimento populacional, a captura de animais comestíveis se tornou mais difícil nas proximidades das aldeias, dessa forma, as pessoas têm que ir mais longe para poder matar uma caça para a alimentação da família. Dentre as caças mais consumidas, se destacam: Paca; Cutia; Caititu; Porcão e o Veado; também são consumidos répteis como: Camaleão; Tracajá; Jabuti e o Jacaré; além de diversos tipos de aves, tais como: Pato do Mato; Inambu; Jacobeu; Mutum, entre outros.

Os alimentos acima citados, são capturados com mais facilidade no período do inverno, porque o mato está molhado e quando o homem está caçando, a caça não consegue ouvir com facilidade os sons que o caçador emite; já no verão o as folhas estão secas, então as caças conseguem ouvir de longe o caçador andando na mata, assim conseguem fugir com mais facilidade.

Outro fator é que no inverno os campos e lagos estão cheios e isso facilita o acesso dos caçadores, que vão em pequenas embarcações em lugares mais distante atrás dessas espécies, porém no verão não tem esse mesmo acesso até porque fica

seco os campos e os caminhos que dá acesso aos lagos, nos quais as caças e os peixes se encontram em maior quantidade.

No rio Curipi essa captura também é feita em embarcações grandes e pequenas, só com uma diferença que o acesso ao rio fica enfrente a comunidade e com isso mais indígenas vão até ele em busca de alimentos então os peixes acabam ficando mais escasso. Mais mesmo com o crescimento populacional dos indígenas, todos conseguem alimentos para o seu consumo diário, entre os Karipuna.

O Peixe é uma fonte de alimentação de grande importância entre o povo Karipuna. Geralmente o peixe é pego através do anzol e arco e flecha durante o dia. Durante a noite é comum as pessoas colarem tiradeira que é um tipo de armadilha para pegar o peixe, bem como, tem a prática de facheação, que é uma forma de pesca através da lanterna e zagaia.² Logo, os tipos de peixes mais comuns de se encontrar nos rios, lagos e igarapés, são: Trairão, Acará, Tucunaré, Traíra, Piranha, Dente de Cachorro, Surubim, pirarucu, entre outros.

Geralmente o período do verão, tem mais fartura de peixe, porque os campos e lagos secam e os peixes geralmente ficam concentrados a maior parte nos rios, o que facilita a pesca em abundância, porém, existem alguns momentos em que o peixe fica escasso. No caso do inverno é muito comum as pessoas pescarem nos lagos e campos, que na maioria dos casos ficam distantes das aldeias, mas tem alguns momentos que no próprio rio, tem fatura de algumas espécies de peixe.

Além da caça e pesca, os Karipuna praticam no cotidiano, a arte da agricultura de subsistência. Neste caso, plantam e colhem a mandioca com maior intensidade. A farinha que é produzida, serve para a própria alimentação, bem como, uma grande parte é comercializada para obtenção de uma renda financeira que serve para compra de diversos produtos industrializados, que geralmente são comprados nas cidades. Além da mandioca também plantam diversas raízes como: o Cará; a Batata; a Macaxeira; a Dachina, bem como, outras frutas como: Caju; Banana; Mamão; Abacaxi, entre outros, sendo que esses produtos, além de servir para o consumo das famílias, são comercializados nas cidades, porém, em menor quantidade que a farinha.

² zagaia é uma arma utilizada para captura do peixe, geralmente é feita de pedaços de ferro bem consistente, é polida para ficar bem afiada com ganchos para o peixe não escapar. Existem zagaias de 2 e 3 ferros, assim que pronta ela é amarrada com corda e colocada em uma armação de pau ou na própria flecha.

Vale ressaltar, o consumo do Açaí, Patauá e Bacaba que são frutos que se encontram nas matas, são transformados em vinho bastante consumidos pela etnia Karipuna com a farinha no momento do lanche, assim como, muitos já tem o hábito de consumir com diversos tipos de comida. Esses frutos também são comercializados tanto na própria aldeia em forma de vinho, como também, são vendidos na cidade, em grãos.

As plantas medicinais, também são bastante utilizadas entre os Karipuna e, servem para curar diversas doenças, pois os indígenas têm um ritual de fé na ingestão dessas plantas, que são consumidas através de chás, já as cascas, servem para tomar banho e delas também são retirados os óleos que servem para ingerir e passar em cima do baque ou ferimento. Geralmente, os pajés são líderes que tem mais conhecimento de como fazer uso desses medicamentos tradicionais, porém, é comum qualquer pessoa aprender, desde que tenha fé e interesse.

Essas são algumas tradições indígenas que fazem parte da cultura do povo Karipuna, são maneiras de estar e sobreviver, a partir da coleta e cultivo dos produtos acima citados. São hábitos que vem identificar o povo Karipuna, em sua especificidade, sua própria tradição e que vive em território legalmente demarcado e homologado, conferindo a esse povo a denominação de população tradicional.

De acordo com Constituição federal do Brasil (1988) em seu Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens (p. 69).

Pereira (2008, p. 35), ainda alega que,

A Lei diz que uma população tradicional é aquela que: Possui formas diferentes dos demais brasileiros de viver; Tem identidade diferente: Usa conhecimentos tradicionais dos antepassados para viver; Mora em terras onde seus antepassados já moravam; Utiliza recursos naturais da região onde vive para continuar com sua cultura, organização social, religião e para garantir sustento dos filhos.

Ressalto, que, apesar dos Karipuna terem essa identidade de uma população heterogênea, este povo, cultiva com intensidade vários hábitos tradicionais, porém, é fato que os Karipuna, assim como, qualquer outra população, vem sofrendo há bastante tempo, influências culturais de outros povos, ou melhor, muitos costumes já foram e continuam sendo introduzidos a cultura da etnia Karipuna.

Assim como no passado, nos dias de hoje, os Karipuna continuam mantendo o hábito de se relacionar e formar famílias com outros povos, um costume passado de geração em geração, tanto é que muitos indígenas formam famílias e saem da aldeia para morar nas cidades, esse inter-relacionamento, faz-se entender no contexto histórico já vivenciado pelos antepassados dos Karipuna.

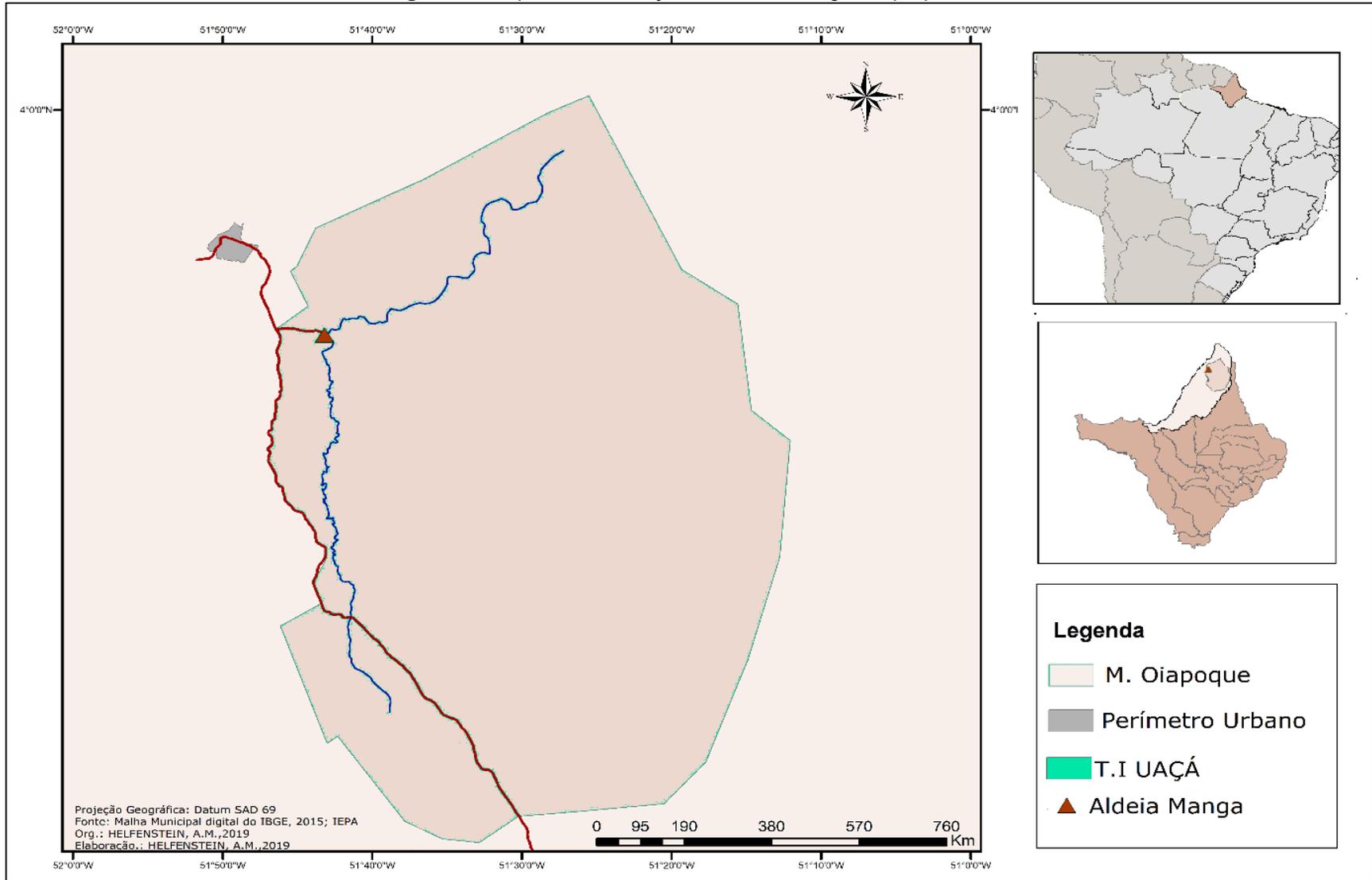
Atualmente, os Karipuna estão espalhados em diversos lugares da Terra Indígena Uaçá, localizada no município de Oiapoque, essas localizações são denominadas pelos próprios indígenas como “região”, que neste caso são: “A Região do Rio Curipi”; “A Região da BR 156”; “A Região do Rio Oiapoque”. Cada aldeia tem seus próprios hábitos de convivência no dia a dia. É importante esclarecer que apesar dos Karipuna estarem vivendo uma era tecnológica, ou seja, do acesso e convívio com produtos tecnológicos que se fazem presentes nas aldeias com intensidade, os mesmos tem a manutenção de costumes tradicionais provenientes de sua cultura.

CAPITULO II
O ACESSO A REDE DE
INTERNET PELO POVO
KARIPUNA DA ALDEIA MANGA

2.1. Organização socioespacial da aldeia Manga

A Aldeia Manga pertence a etnia Karipuna e está localizada as margens do Rio Curipi, Terra Indígena Uaçá, município de Oiapoque, fica a uma distância de 24 km da Cidade de Oiapoque (figura 1).

Figura 1: Mapa de Localização da Aldeia Manga-Oiapoque -AP



Fundada em 1973 pelo senhor Florêncio Primo dos Santos juntamente com os seus genros Teodoro dos Santos e Olímpio Forte, que decidiram sair em busca de um novo local para morarem com a família, tendo em vista que não tinha mais condições de continuarem vivendo na aldeia de Santa Izabel.

Um dos motivos que levou a família a procura de outro lugar para sua moradia foi a falta de espaço para fazerem suas roças, inclusive tinha bastante formiga de fogo o que dificultava o trabalho. Essa situação/condição foi destacada pela senhora Constância Monteiro dos Santos³, como podemos verificar no trecho a seguir: “quando a gente ia arrancar mandioca a gente subia em cima de árvores que estavam derrubadas para poder conseguir tirar as mandiocas e isso estava se tornando bastante difícil para nossa família” (SANTOS, 2018, p.20).

A distância para chegar até a cidade de Oiapoque foi outro motivo que levou a família a procurar um novo local de moradia, uma vez que, o pico que liga a Aldeia Manga até a BR 156 já estava aberto, isso acabou entusiasmando ainda mais a família a se instalar no manga, como já era conhecido, devido aos grandes pés de mangueiras existentes no local. As novas geografias construídas no novo lugar de moradia foram elucidadas por dona Constância Monteiro e dona Margarida Monteiro dos Santos, em entrevista concedida a Samara dos Santos, como podemos verificar a seguir:

[...] “a vida mudou bastante, eles passaram a viver tranquilamente, com bastante fartura de peixe e caças, sendo que não precisavam ir tão longe para pegar o alimento, enquanto que na aldeia de Santa Izabel já estava ficando escasso o peixe e a caça, por conta da quantidade de famílias que moravam no local” A fartura de peixes é facilmente observada na figura 6, de Teodoro chegando da pescaria. (SANTOS, 2018, p.21).

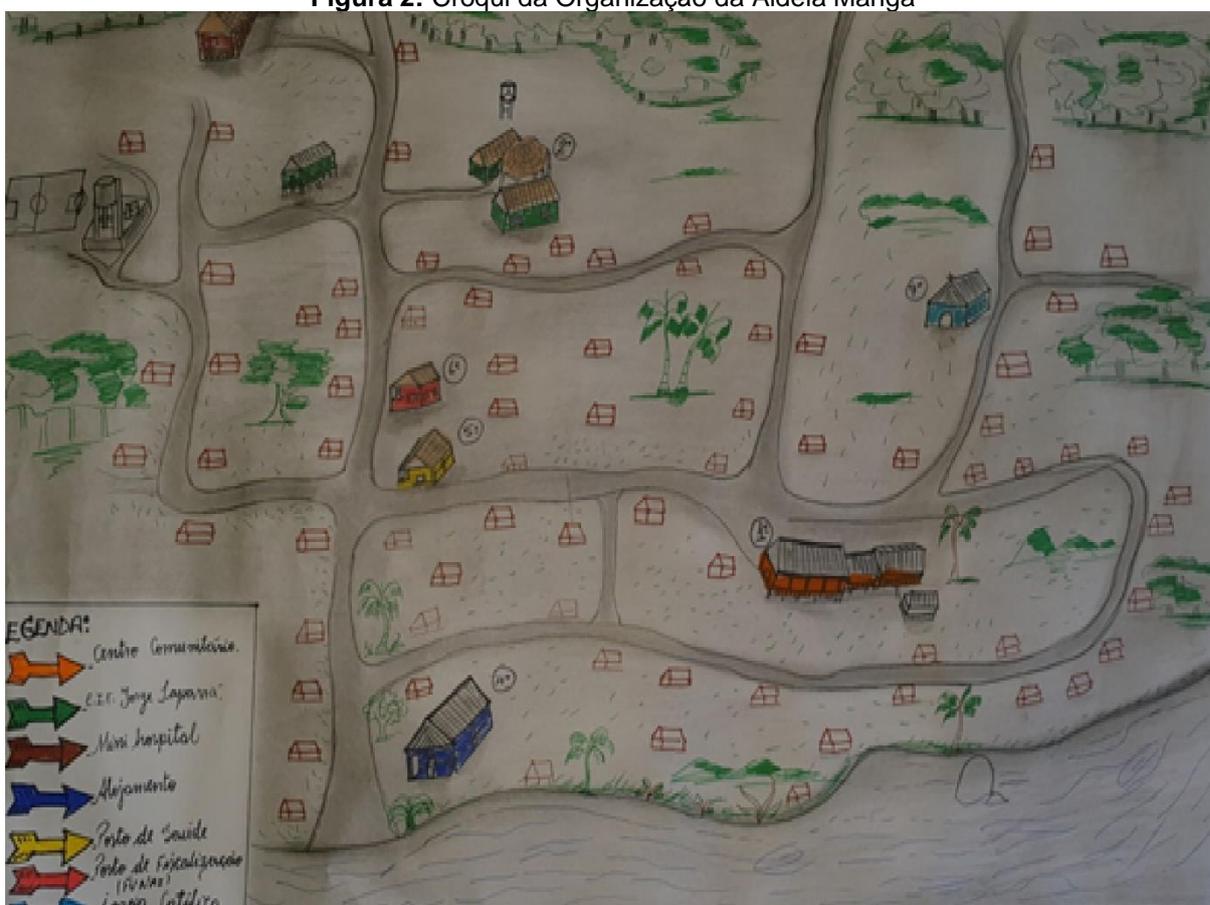
Atualmente a proximidade com a cidade de Oiapoque (figura 1), somada infraestrutura como: localização em terra firme, proximidade com a cidade de Oiapoque, escola que oferta todas as etapas da educação básica, energia 24 horas, posto de saúde, internet, sistema de abastecimento de água, que a aldeia dispõe, vem sendo apontado como um dos fatores responsáveis pelo aumento do crescimento populacional, da Aldeia Manga a “maior” e mais populosa aldeia Karipuna. Outro fator condicionante ao aumento populacional é o fato desta aldeia estar “localizada em região de terra firme do alto Curipi,

³ Entrevista concedida a Samara dos Santos no ano de 2018.

cujas margens não são mais constantemente alagadas durante a estação chuvosa. O local sempre foi utilizado pelos Karipuna para alcançarem, a pé, as Vilas do rio Oiapoque, quando a época seca não permitia que usassem o furo do Tapababô." (TASSINARI, 2003, p.187).

A organização social e política da Aldeia Manga é composta por um cacique, acompanhado de aproximadamente 20 lideranças que trabalham na organização interna da comunidade. Para um melhor controle e desenvolvimento das atividades comunitárias, a aldeia é dividida em três pontas (figura 2), cada qual tem uma equipe de lideranças responsáveis.

Figura 2: Croqui da Organização da Aldeia Manga



Fonte: Dieimison Sfair dos Santos (2019).

De acordo com o senso realizado pelo Polo Base Manga, neste ano de 2019, a Aldeia Manga tem um total de 260 casas com uma população estimada em 1080 pessoas.

A Aldeia Manga, tem uma boa estrutura, com escola, posto de saúde, sistema de abastecimento de água, energia 24 horas, comércios, sendo todos mais amplos e

com melhor funcionamento se comparado com outras aldeias menores. A partir da implantação desses serviços muita coisa melhorou na vida das pessoas, a escola é vista pela comunidade como um local de diálogo entre os conhecimentos tradicionais e universais; o posto de saúde trouxe melhorias na saúde das pessoas, o abastecimento de água veio facilitar, tendo em vista que antes as pessoas tinham que carregar água de poços ou do rio para usar nas casas; a energia 24 horas possibilitou a utilização de *freezer* e geladeira para conservar os alimentos; o comércio apesar de vender produtos industrializados não tão saudáveis, veio facilitar o gasto financeiro das famílias que tinham que ir até a cidade de Oiapoque para comprarem seus produtos de maior necessidade de consumo.

Na Aldeia Manga tem somente uma escola pública pertencente ao estado do Amapá, porém, é importante esclarecer que o primeiro prédio escolar foi construído pela prefeitura do município de Oiapoque e posteriormente se tornou escola do estado, como se percebe na descrição de Costa (2010, p.34).

[...] em 1977, a prefeitura construiu, próximo a residência do Senhor Antônio dos Santos, a primeira escola (edificação em madeira), às margens do rio Curipi tornando-se oficialmente a Escola Manga. Com a deterioração da estrutura física da escola, a Prefeitura Municipal de Oiapoque construiu outra escola, também em madeira, onde a comunidade decidiu por homenagear Jorge Iaparrá (índio que morreu acidentalmente durante a construção do ramal da aldeia), atribuindo seu nome a escola, sendo, Escola Estadual Jorge Iaparrá.

Em 2002, com o aumento do quantitativo de estudantes, o Governo do Estado edificou a escola em alvenaria. Neste mesmo período, as escolas indígenas através da Resolução Nº 068/02 – Conselho Estadual de Educação - CEE, receberam nova nomenclatura com a inclusão da palavra “Índigena” associada ao nome da escola, tornando então, a Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá.

Segundo Ricardo (1983) O posto de saúde ou enfermaria da Aldeia Manga foi construído pela FUNAI no final da década 1970, próximo ao Rio Curipi, por muitos anos sempre permaneceu neste mesmo lugar. Atualmente é chamado de Pólo Base Manga, pois tem uma estrutura mais ampla e melhor em questão de atendimento, no qual tem uma equipe de profissionais como: enfermeiro, médico, técnicos de enfermagem, técnico em laboratório, AIS e AISAN. O Pólo Base, atende diariamente a comunidade do manga, porém atende toda a população indígena que vive as margens do Rio Curipi, assim que precisarem de um atendimento que não tem nos postos de saúde de aldeias menores. Quando foi no ano de 2018 foi inaugurado um

novo prédio com uma estrutura mais ampla e de qualidade, porém, fica um pouco afastado do centro da aldeia.

Na década de 1977 por iniciativa do Centro Indigenista Missionário (CIMI) foi instalada uma cooperativa de venda de produtos industrializados, o propósito da cooperativa era fazer com que os regatões ou marreteiros da época, parassem de vender produtos industrializados nas aldeias, tendo em vista que acontecia uma prática de exploração, pois os marreteiros/regatões deixavam mercadorias para alguns indígenas revenderem nas aldeias e essas pessoas eram exploradas.

No final da década de 1980 acabaram a cooperativa, conseqüentemente, já influenciadas pela cooperativa, algumas pessoas abriram alguns comércios pequenos de forma individual e vendiam os produtos para a população, no caso o seu Henrique mais conhecido como tio Tom foi um dos primeiros comerciantes da década de 1990.

Quando foi no início do ano de 2000, o seu Leôncio mais conhecido como Tinei, iniciou sua venda e acabou se tornando o maior comerciante da Aldeia Manga, até os dias atuais, porém existem em torno de seis pequenos comércios. É importante esclarecer que esses comércios vendem diversos produtos industrializados. Outros pequenos negócios estão cada vez mais surgindo na aldeia Manga, tais como: Lanchonete, restaurante, bem como, a prática da marretagem pelos próprios indígenas. Tais influências tem acarretado em conseqüências para nossa comunidade, as quais nos debruçaremos no subitem a seguir.

2.2. Os desafios e possibilidades do uso da internet pelos Karipuna da aldeia Manga

Existe uma preocupação das lideranças e pessoas mais idosas em relação a influência que o contato com o não indígena venham a trazer para nossa comunidade. É importante destacar que é imprescindível pensarmos em estratégias de resistências dos nossos saberes e conhecimentos tradicionais. O fato de haver um posto de saúde dentro da Aldeia jamais substituirá os conhecimentos medicinais dos nossos sábios. A educação escolar indígena, mesmo que pautada no diálogo entre os saberes, não pode substituir a educação indígena entendida enquanto processo de socialização próprio a cada etnia.

No entanto, corroborando com o pensar de Santos (2018) para a qual, os “costumes atuais apresentados pelos moradores da Aldeia Manga tem a ver com as mudanças na sociedade nacional entendemos que é importante esclarecer que o

contato com outras formas de saber e conhecimentos não faz com que deixemos de ser indígenas.

Ao contrário do que muitas vezes tendemos a pensar, a adoção de novos costumes pelos índios não representa um caminho sem volta em direção à perda definitiva de suas culturas. Assim como os brasileiros não deixam de ser brasileiros por consumirem produtos importados e adotarem modas estrangeiras, é justamente porque têm a capacidade de mudar e de se adaptar aos novos acontecimentos que as culturas nunca se perdem, mas estão em constante processo de transformação. Em cada sociedade estes processos podem ser mais lentos ou acelerados, mas nunca deixam de estar presentes. (GALLOIS; GRUPIONI, 2003, p.51).

Essa é uma questão importante e que requer fundamentalmente o diálogo entre os moradores de cada comunidade, mas, é importante que nossa reflexão acerca do contato dos povos indígenas com elementos da cultura não indígena, não seja utilizada como instrumento de manutenção e reafirmação de um modo de pensar voltado para atender a interesses coloniais, que persistem até os dias atuais, dentre os quais, a ideia equivocada com relação ao cidadão indígena, pois muitos não indígenas urbanizados, tem uma concepção ou imagem de como deve ser o índio, um conceito totalmente defasado e equivocado, ou seja, imaginam o índio andando nu ou de tanga, no meio da mata, vivendo em oca, usando arco e flecha, de acordo com o que foi escrito por Pero Vaz de Caminha.

A título de exemplo podemos refletir sobre a energia elétrica disponibilizada 24 horas em nossa aldeia, a partir do ano 2003. Se por um lado o acesso à energia trouxe mudanças na vida cotidiana dos indígenas, que passaram a ter acesso à televisão cotidianamente, bem como a utilização de diversos equipamentos eletrônicos frequentemente questionados em nossa comunidade, também possibilitou a instalação de um abastecimento de água, no qual fornece água para toda a comunidade, entre outros.

No ano de 2010, a comunidade da Aldeia Manga teve o primeiro contato com a internet, através do programa de inclusão, que foi discutido em um simpósio realizado na cidade de São Paulo, no qual várias lideranças indígenas participaram deste evento. Neste simpósio fomos uma das comunidades contempladas pelo projeto em pauta. Para melhor compreensão desse processo de inclusão digital, Pinto (2008, p. 47) esclarece que,

A “inclusão digital dos indígenas” começou e se têm desenvolvido fundamentalmente através de parcerias entre o setor público e privado; os programas de governo se têm incorporado como uma forma de fazer inclusão social e digital, daqueles setores por muito tempo foram marginalizados no

acesso/uso da informação e as tecnologias. Esta inclusão só começou recentemente, e os fatos são demonstrado que para prosperar e fortalecer-se no tempo, papel chave o têm tido várias instituições governamentais, principalmente ministérios, mas em aliança com organizações não governamentais e da sociedade civil.

Antes da instalação da internet, a Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá, já tinha um laboratório de informática com 10 computadores que foram instalados e entregues a escola. É importante esclarecer que nesse primeiro contato com a internet, o acesso ficou restrito aos professores e alunos para fins de se fazer pesquisas, bem como, a internet colaborou na organização da gestão escolar, ou seja, facilitou o contato com as chefias da Secretaria de Educação do Estado Amapá (SEED-AP), facilitando o acesso a documentos, mas sempre que as pessoas da comunidade precisaram a senha sempre foi disponibilizada para uso momentâneo. Essa internet é via satélite do programa de Serviço de Atendimento ao cidadão - GESAC do Governo Federal. “A apropriação comunitária das conexões estabelecidas com antena do GESAC varia. Pode servir para complementar a educação básica, como na Escola indígena [...], ou para fomentar arranjos produtivos locais, negócios e cooperativo [...]” (PINTO, 2008, p.47).

Em 2019, foi instalada outra rede de internet, também do programa GESAC Telebrás, da mesma forma, ficou restrita somente ao uso da escola, pois a antiga rede do GESAC foi desativada (figura 3).

Figura 3: Antenas da Rede de Internet do Programa (GESAC).



Foto: Lealdo Quaresma (2019).

No ano de 2015, chegou mais uma rede de internet na Aldeia Manga, essa internet é do Projeto do Governo do estado do Amapá, relacionado a implantação da internet banda larga via fibra ótica no estado. Essa internet é pública, disponível para toda a comunidade, pois a internet só foi implantada nas aldeias, por conta de uma compensação, pelo fato da Fibra Ótica passar na Terra Indígena Uaçá, como se percebe na reportagem do G1 (2014, p.1) a qual reporta que,

Índios de três aldeias de Oiapoque, a 590 quilômetros de Macapá, terão acesso à internet banda larga, segundo informou nesta segunda-feira (17) o governo do Amapá. Ela será implantada nas aldeias de Kumarumã, Kumenê e Manga. O serviço faz parte da contrapartida oferecida pela empresa Oi e o governo estadual, responsáveis por instalar a tecnologia no Amapá. O anúncio ocorreu durante o lançamento da banda larga no estado.

As compensações foram estabelecidas devido as obras de cabeamento de fibra ótica passarem por terras de nove aldeias. Dessas, apenas três ganharam acesso a internet por reunirem as maiores populações indígenas. Ao todo, elas abrangem cerca de sete mil índios [...]. O restante das comunidades foi beneficiado com telefones e cursos de capacitação.

O ponto de instalação da internet está localizado na área da escola (figura 4) essa escolha foi decidida em reunião comunitária através do consentimento da maioria das pessoas que moram da Aldeia Manga, pois em toda e qualquer proposta de empreendimento a ser instalado na aldeia, o cacique deve comunicar perante reunião geral da comunidade para que a proposta seja aprovada pela maioria dos participantes de forma democrática.

Figura 4: Equipamento da rede de Internet Fibra Ótica da Oi.

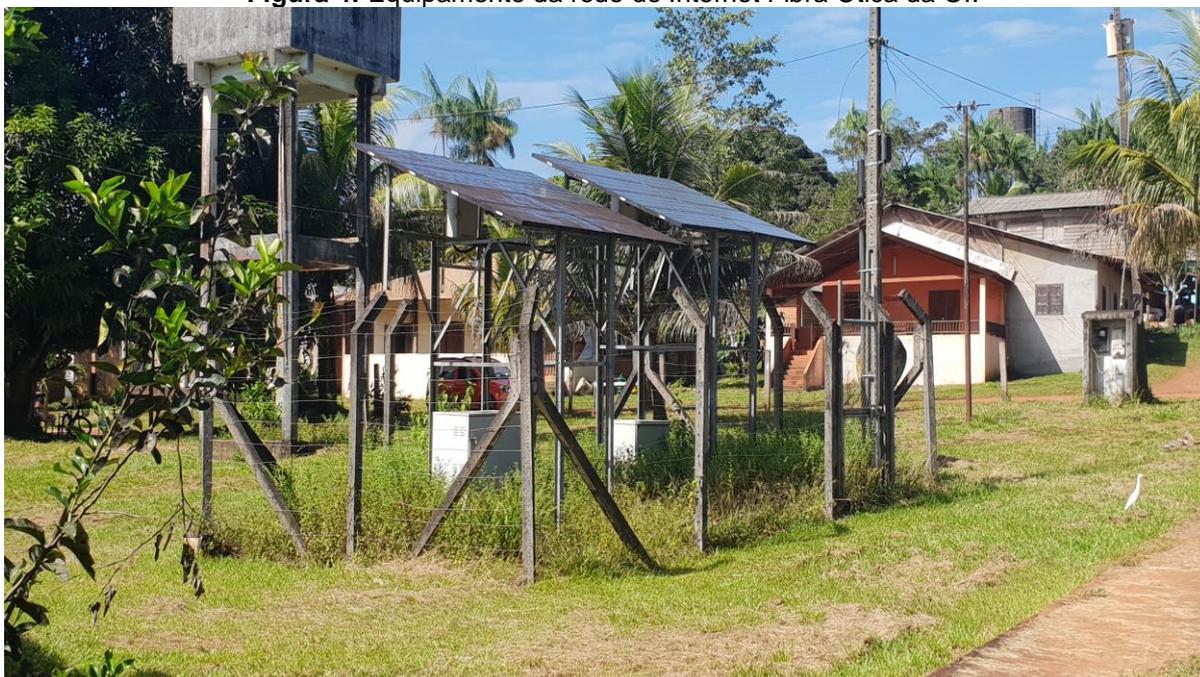


Foto: Lealdo Quaresma (2019).

O motivo de permanecer nessa área, se deu por conta do acesso as pesquisas realizadas pelos professores e alunos, bem como, se torna mais fácil para que os alunos que estão na universidade possam utilizar o espaço físico da escola para desenvolverem suas pesquisas. No entanto, apesar da escola possuir um laboratório de informática, é importante destacarmos que todas as máquinas estão danificadas, o que compromete as pesquisas que ficam restritas a utilização de computadores e celulares pessoais, na contramão de uma política de universalização do acesso à internet.

Esse acesso à internet é de suma importância para que, os estudantes indígenas possam desenvolver suas pesquisas, bem como terem acesso aos processos seletivos para ingresso nos cursos técnicos e superiores. Apesar do principal laboratório de pesquisa estar dentro de nossas comunidades, em especial nas memórias dos nossos sábios, através da internet os povos indígenas passaram a ter acesso aos conhecimentos não indígenas e também passaram a se comunicar através das redes sociais com parentes que vivem nas cidades, tanto do Brasil, quanto da Guiana francesa.

A conexão da internet da Aldeia Manga, não se expande muito, possui um raio de 20 metros de cobertura, sendo que o maior público que acessa frequentemente a internet, é formado por jovens, tanto masculino quanto feminino. Os adultos acessam geralmente em caso de necessidade, ou seja, quando precisa entrar em contato com algum parente que vive na cidade, ou precisa para desenvolver uma determinada pesquisa.

Logo que foi liberada o acesso à internet era muito comum as pessoas ficarem dentro da área de recreação da escola, ou sentados bem próximo das salas de aula. Mas os jovens principalmente, não respeitavam o ambiente, quando era momento de aula ficavam fazendo bagunça e isso acaba atrapalhando o trabalho dos professores. Quando era no período da noite ficavam fazendo bagunça na escola, aí as lideranças juntamente com a gestão da escola, fizeram uma reunião geral com toda a comunidade e resolveram proibir o acesso muito próximo das salas de aula e principalmente na área de recreação.

A partir dessa iniciativa, as pessoas respeitaram. Atualmente é comum acessarem na beira da estrada ou próximo das casas, no qual tem cobertura da internet. É importante esclarecer que essa proibição é mais para os adolescentes que não têm responsabilidade, no caso, para professores, alunos da universidade e

adultos de responsabilidade é permitido a entrada na escola para desenvolver o acesso, desde que estes também respeitem o ambiente. Isso é perceptível nas figuras abaixo (5 e 6).

Figuras 5 e 6: Jovens acessando internet na aldeia Manga



Fotos: Lealdo Quaresma (2019).

Fonte: Trabalho de campo

Geralmente os adolescentes costumam acessar mais as redes sociais, pois tem um público que acessa todos os dias, ficando em torno de 1 a 4 horas de tempo por dia. Enquanto que os adultos costumam acessar menos tempo, em caso de uma pesquisa, ou para se comunicar com parentes que vivem em outros lugares. Além das redes sociais e pesquisas, é muito comum principalmente os jovens ficarem baixando: jogos, vídeos, filmes e músicas.

Quanto à qualidade, não se tem evidência de quantos GB de internet foi liberado, para a Aldeia Manga, porém permite baixar documentos, realizar inscrições e se comunicar via rede social. Também depende da quantidade de pessoas que estão acessando, geralmente quando tem em torno de 15 pessoas, a velocidade é boa, mas quando começa a aproximar umas 30 pessoas já começa a ficar baixo o sinal, impossibilitando baixar documentos.

Durante vários anos os povos indígenas ficaram as margens das redes que conectam o “chamado mundo globalizado”, o que por um lado contribuiu para que ficássemos distantes de alguns costumes que não nos trazem benefícios, como por exemplo, o acesso a programas de televisão que em nada contribuem para nossa comunidade, tão pouco para a sociedade não indígena. Mas, o fato de termos acesso a novas informações, se utilizadas adequadamente, pode ser ferramenta de resistência a pessoas que só possuem interesse em se beneficiar nas costas do indígena.

Dessa forma, entendemos que se a internet em alguns casos pode ser prejudicial a nossa comunidade, também pode contribuir para termos acesso aos conhecimentos não indígenas e também aos saberes de parentes que vivem geograficamente distantes. Atualmente no Brasil, muitas etnias já tem e estão cada vez mais tendo acesso à internet nas suas aldeias, tanto é que Renesse, (2011, p.17), afirma que,

No Brasil o acesso das populações indígenas à internet ainda é limitado, mas em forte expansão. Segundo um levantamento feito, existia em meados de 2010 cento e onze pontos de internet situados em aldeias indígenas, a maioria instalada após 2007, principalmente em escolas e organizações comunitárias.

Essa tecnologia, como bem se sabe, não era novidade para os indígenas da aldeia Manga, mas, com a sua chegada de livre acesso, mudou de certo modo a rotina do dia a dia dos indígenas que vivem na referida aldeia. É importante salientar, que

mesmo com todas essas mudanças, os indígenas não deixaram seus costumes, porém, estão sujeitos a aprender outras culturas.

As novas tecnologias tem sim grande influência na vida das pessoas, muitas das vezes, elas passam a fazer parte do cotidiano das pessoas e muitas não sabem usá-las e acabam deixando que afete diretamente no ritmo de vida de forma negativa, com relação aos costumes de um determinado povo. Porém nem sempre as influencias são negativas e sim ajudam as pessoas a organizarem suas vidas desde que seja utilizada para uma boa finalidade.

Portanto, se essa tecnologia é uma realidade e adentrou a vida dos indígenas, é preciso conciliar sua utilização com as tradições do povo, do mesmo modo que deve ser aplicada como recurso didático na educação, levando em conta a memória e história do povo indígena (COSTA, 2010, p.5).

Antes do acesso à internet só existia a televisão, que era o único meio de informação a nível nacional, através dos jornais e outros programas de TV, o que deixava o acesso restrito a apenas uma fonte de informação, que conseqüentemente, não permitia outras interpretações dos fatos e ou acontecimentos noticiados.

Outro aspecto importante refere-se ao fato de que os indígenas que vivem na Aldeia Manga têm muitos familiares que residem nas cidades do Brasil e Guiana francesa, então antes da internet, quando as pessoas precisavam se comunicar com a família, tinham que ir até a cidade de Oiapoque ou São Jorge na Guiana francesa, o que gerava um custo financeiro bem alto, então a internet veio colaborar nesse sentido também. Além do meio de comunicação, a internet também trouxe a facilidade de ter acesso a diversos materiais didáticos através da pesquisa, acesso aos processos seletivos realizados para concurso público ou contrato administrativo e processos seletivos para ingresso nas universidades.

Vale deixar bem claro que a internet tem seus pontos negativos, no qual cabe destacar, certos sites que os adolescentes têm acesso e que acaba interferindo de forma negativa na cultura indígena, através das redes sociais conhecem pessoas estranhas que de alguma forma pode até ser prejudicial a própria pessoa ou prejudicar de modo geral a comunidade. Esse é um dos principais motivos que tem gerado preocupação das lideranças da Aldeia Manga e causado preocupação com relação ao acesso à internet, principalmente por adolescentes, gerando conflitos como os citados por Renesse (2011, p.24), quando diz que a chegada da internet acabou,

“Gerando conflitos com as lideranças tradicionais que viram o instrumento na mão dos jovens como uma ameaça para a sua autoridade, para a ordem social e para o próprio grupo”.

Para pensarmos os desafios acarretados pelo uso da internet, apresento um fato ocorrido no ano de 2017, no qual uma adolescente da aldeia Manga, conheceu um rapaz de Oiapoque pela rede social e esse cidadão convenceu a jovem a ir se encontrar com ele na cidade de Oiapoque, sem o consentimento dos pais, deixando os mesmos bastante preocupados com a tal situação. Nada de grave aconteceu, porém são situações como essas que apresentam os principais desafios e preocupam as nossas lideranças.

Não há dúvidas que a tecnologia pode trazer péssimas consequências a uma determinada sociedade, porém existem considerações que necessitam de maior reflexão. Não é objetivo desta pesquisa realizar reflexões maniqueístas sobre o tema, o que propomos é possibilitar maior compreensão sobre os limites e desafios, mas também as possibilidades que o uso da internet pode proporcionar a uma comunidade indígena.

A utilização dessa ferramenta depende de cada pessoa e/ou comunidade, existindo inclusive, aldeias que não possuem acesso à internet. No caso específico da aldeia Manga, esta é uma realidade que já se faz presente, o que faz com que as preocupações estejam pautadas na luta das lideranças, escola e comunidade em geral, para melhor utilização das informações advindas do uso da internet pelos Karipuna da aldeia Manga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Independentemente da origem ou formação do povo indígena pertencente a etnia Karipuna, se faz pertinente afirmar que os mesmos, são etnicamente indígenas, que vivem na Terra Indígena Uaçá, no município de Oiapoque, estado do Amapá. Este povo apesar de ter sofrido um processo de contato há décadas, vive de acordo com suas próprias tradições; apesar da maioria das pessoas desta etnia serem falantes da língua portuguesa a língua indígena Kheuol também é falada por parte da comunidade.

A Aldeia Manga, campo desta pesquisa, fundada na década de 1973 pela família de seu Florêncio Primo, fica próxima da cidade de Oiapoque, facilitando o acesso dos indígenas a referida cidade, assim como facilita a presença dos não índios a acessarem a aldeia. Esse acesso se dá em parte por esta ser a maior aldeia dos Karipuna, e também por estar localizada em área de terra firme, enquanto as demais aldeias geralmente ficam localizadas as margens do Rio Curupi, geralmente em um pedaço de ilha, as localizadas as margens da BR 156, apesar de estarem em terra firme são todas pequenas, ainda tem duas pequenas aldeias localizadas as margens do Rio Oiapoque.

A organização socioespacial e avanço tecnológico têm motivado muitas famílias a morarem na Aldeia Manga, o que vem favorecendo o crescimento desta aldeia. Um outro fator é que Aldeia Manga tem uma escola que oferta todas as etapas da educação básica, enquanto a maioria das pequenas aldeias que ficam nas adjacências do Manga, funciona somente até o 5º ano do Ensino Fundamental. Dessa forma, as famílias acabam migrando para morar na referida aldeia, no sentido de facilitar o estudo dos os filhos, inclusive favorecendo as despesas da família.

Com a chegada da energia 24 horas na aldeia em 2003, muita coisa começa a mudar, primeiramente a facilidade de ter acesso a TV acabo pela maioria das famílias, esse contato sem acarreta em transformações na cultura tradicional deste povo, que passa a ter informação do mundo todo, tendo em vista que nem todas as famílias tinham acesso à algum tipo de mídia de comunicação.

No ano de 2010, foi instalada a primeira rede de internet na aldeia, esse acesso foi restrito a escola, no sentido se facilitar o trabalho dos professores e principalmente da gestão da escola. Como esse acesso ficou restrito a um determinado público, não tem impactado tanto a vida da população. Já com chegada da segunda rede de internet, desta vez disponível para toda a população residente na comunidade, muitas

mudanças começaram e ser perceptíveis, principalmente o acesso pelo público jovem que passaram a ter acesso as redes sociais, em alguns casos sem o acompanhamento da família. De forma geral essa tecnologia acaba impactando de várias formas, diretamente no que diz respeito ao modo tradicional de viver deste povo.

Com certeza os impactos não são somente negativos, mas também positivos, no qual cabe salientar, a facilidade de contato com pessoas que vivem principalmente nas cidades, já que a maioria das famílias que vivem no Manga tem famílias morando nas cidades, tanto do Brasil, quanto da Guiana francesa. Além disso tem facilitado a pesquisa de professores a alunos, principalmente estudantes de nível superior que precisam muito para fins de pesquisa, assim como, facilita ter acesso a editais para concurso público, contrato para trabalho, ingresso as universidades, entre outros.

Contudo, a partir do acesso à internet por uma comunidade indígena, não significa que esse povo deixa de ser índio, apesar das influências negativas com relação a cultura tradicional, esse povo tem acesso aos conhecimentos universais, um direito garantido a qualquer nação. O importante é que cada comunidade tenha orientação e preocupação com relação as influências negativas que podem ser ocasionados a partir do acesso à essa ferramenta.

É nesse viés, que entra a participação e atuação das lideranças indígenas da Aldeia Manga e a escola, enquanto agentes de orientação, para que os impactos negativos em decorrência do acesso à internet. Na aldeia Manga, as lideranças sempre estão atentas, orientando, intervindo e buscando medidas para que as pessoas saibam usar de forma adequada essa ferramenta que já é realidade em nossa comunidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Julieta de. **Cultura Crioula e Lane-Patuá no Norte do Brasil**. 2 ed. – São Paulo: GHG, 1988.

APIO, Associação dos povos indígenas do Oiapoque. **Plano de vida dos índios e organizações indígenas do Oiapoque**. Oiapoque: APIO, 2009.

COSTA, Alda Cristina. **A Comunidade Indígena e o Mundo Tecnológico: Reflexões Sobre os Impactos das Mídias Sociais na Vida dos Aikewára**. Pará, janeiro de 2010.

Constituição Federal Brasileira. Texto constitucional originalmente publicado no diário oficial da união de 5 de outubro de 1988, Brasília, 2017.

GALLOIS, Dominique Tilkin; GRUPIONI, Denise Fajardo. **Os povos indígenas no Amapá e norte do Pará**. 2ª edição, Rio de Janeiro. Ponto de cultura “arte e vida dos povos indígenas do Amapá e norte do Pará” (Iepé e Iphan-MinC), 2003.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org.). **As leis e a educação escolar indígena: Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

[HTTP://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2014/03/no-ap-7-mil-indios-em-tres-aldeias-terao-acesso-internet-banda-larga.html](http://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2014/03/no-ap-7-mil-indios-em-tres-aldeias-terao-acesso-internet-banda-larga.html).

LEVINHO, José carlos; GRUPIONI, Luiz Donizete Benzi (org.): **A PRESENÇA DO INVISÍVEL: Vida Cotidiana e Ritual entre os Povos Indígenas do Oiapoque** – Rio de Janeiro: Iepé – Museu do Índio, 2016.

PEREIRA, Luiz Fernando. **Legislação Ambiental e Indigenista: uma aproximação e o direito socioambiental no Brasil**. Iepé, 2008

PINTO, Alejandra Aguilar. **A inclusão digital “na sociedade da informação**. Revista Ibérico-americana de Ciência da Informação (RICI, v.1 n.1, p.37-51, jul./dez. 2008.

RICARDO, Carlos Alberto, **Povos Indígenas no Brasil** – são Paulo: CEDI, 1983.

RENESE, Nicodème de. **Perspectivas Indígenas Sobre e na Internet** Ensaio Regressivo Sobre o Uso da Comunicação em Grupos Ameríndios no Brasil. Pesquisa realizada com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo 2011.

SANTOS, Juliana Anika dos; SANTOS Yuri Anika dos. **As Influências Externas na Formação e Evolução da Etnia Karipuna do Oiapoque-AP**. trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Amapá, Oiapoque, 2018.

SANTOS, Samara dos. **A Origem da Aldeia Manga** – trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Amapá, Oiapoque, 2018.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. **No Bom da Festa**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

VIDAL, Lux Boelitz. **Povos indígenas do Baixo Oiapoque: o Encontro das Águas, o Encruzo dos Saberes e a Arte de Viver**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Museu do Índio e Iepé, 2007.